

OSTRASCISMO

Nunca concordei muito com a frase, lugar-comum: "atirar pérolas aos porcos". Melhor ser atirado aos ávidos porcos, consumido em uma última redenção à sua utilidade que acumular poeira num canto. A possibilidade de ser desfrutada pelos hipotéticos suínos em seus momentos finais reduz (ou redime ?) a pérola à sua natureza básica e primária, fazendo parte do ciclo da sua existência: um simples grão de areia alçado aos mais altos valores por obra do acaso. A formação da pérola é uma inflamação que ocorre dentro da ostra, um feliz acidente natural; imagine algo como um cisco virar uma pepita de ouro se entrasse no seu olho. A pérola não existe há milhares de anos, esperando lentamente que o homem a encontre. Nem mesmo é alvo de escassez, que torna um diamante tão caro aos bolsos. A pérola é a loteria dos mares, a exaltação de toda a soberba do grão convencido. Outro dia estava lendo a seção de culinária de alguma revista e vi o relato de um entendido no assunto que sua preferência pelas ostras se dá por sua variedade. A ostra, assim como os vinhos, se encaixam entre os alimentos que adquirem nuances, tipos de sabores em vias de sua exposição a lugares diferentes, águas de diferentes qualidades e composições. Uma ostra encontrada em águas com determinados níveis de salinidade demonstra em forma de sabor o reflexo de sua exposição, diferente de uma ostra exposta em águas com abundância de algas ou fungos... assim como ostras criadas num esgoto viveriam seu próprio inferno particular. A ostra seria o mais perfeito exemplo da "Tabula Rasa" princípio do filósofo Locke que analisa a influência do meio na formação do ser, partindo da idéia básica de que todos nascemos rasos, vazios e somos preenchidos de características externas dando forma a nossa identidade futura. Resumo de algo que poderia se estender por horas de conversa de boteco: somos todos as ostras da Tabula Rasa, em um profundo oceano. Todos reduzidos aos nossos princípios básicos... E mesmo quando tudo parece pré-determinado por uma ordem superior, penso que cada um de nós tem a oportunidade, oportunidade de viver inerte em seu ostra-cismo particular, ou dar uma chance ao subestimado grão de areia, o mais puro e precioso mineral em sua natureza humilde: é encontrado tanto no manguezal lamacento quanto nas mais cristalinas das praias. E se atirado aos porcos, a oportunidade de dar valor ao minuto fatal, que já dizia Kipling, é aonde tudo pode acontecer. O peso da proteção de ser uma ostra é ao mesmo tempo seu maior fardo. Entregar-se de verdade, até mesmo no que pode ser nosso fim, já é um começo. Apenas abra sua concha.

Pedro Malta